



“O Bullying – O que é? Como lidar e ajudar na prevenção na Educação Infantil?”

Elaborado por: Silvia Cupolillo (psicóloga CRP05/36870), especialista em Psicologia Clínica com Crianças e em Psicopedagogia, psicóloga da Le Petit - Berçário e Pré Escola.

Bullying é toda violência praticada por meninas ou por meninos que aconteça em território escolar. O tema foi inicialmente estudado na Noruega, no fim da década de 1970 em função de tendências suicidas entre adolescentes e descobriu-se que a maioria desses jovens havia sofrido algum tipo de ameaça nas escolas.

No Brasil não há uma tradução específica para o termo bullying que vem do inglês, a fim de qualificar os comportamentos agressivos que ocorrem no ambiente escolar. O nome “bully” significa “valentão ou “brigão”) e o sufixo “ing” expressa a ação deste “valentão”, em relação à sua vítima.

O mundo começou a tomar conhecimento sobre o fenômeno com a influência dos meios eletrônicos, como a internet e as reportagens na televisão, pois os “apelidos” e as brincadeiras ofensivas (que sempre existiram mas não haviam sido nomeadas como bullying) foram tomando proporções maiores e trágicas consequências como mortes e suicídios, haja vista os casos conhecidos ocorridos nos EUA, com grande repercussão, e até no Brasil.

Alguns dos sinais de que uma criança ou adolescente está sofrendo bullying na escola são o isolamento ou queda do rendimento escolar, retraimento, mostram-se quietas em sala, apresentam doenças psicossomáticas (dor de cabeça, diarreia, insônia e enjôos), normalmente são as últimas a serem chamadas no trabalho do grupo, não são chamadas para aniversários, no recreio procuram a presença de adultos para se proteger, podem ter aumentos de gastos na cantina e constantes idas ao ambulatório.

Em casa alguns dos sinais apresentados podem ser: irritação, ataques de expressões de raiva pois é neste ambiente em que ela pode descarregar seu sofrimento, some com objetos seus ou da família a fim de tentar parar com as provocações de seus agressores.

É importante pontuar que discussões ou brigas pontuais entre alunos não são bullying, Para que o seja é necessário que a agressão ocorra entre pares semelhantes (colegas de escola ou de classe). Todo bullying é uma agressão (física ou psicológica), mas nem toda a agressão pode ser classificada como bullying. Quando falamos de bullying é importante

pensarmos em três perguntas: “A brincadeira é engraçada? Tem alguém que não está se divertindo? E se fosse comigo, como eu me sentiria?”.

O **Bullying** tem como principais **características**:

- **agressão intencional** (ex: Não é por acaso que um aluno agride o outro, eu quer fazer isso)
- **repetitiva** (no mínimo 3 vezes)
- **não é justificável** (ex: Um aluno bate no outro porque o considera feio)
- a **vítima** nunca está em **posição** de **reagir** frente à agressão que sofre.
- a presença de um **público expectador** que teme ser o próximo alvo.

Esse fenômeno vem aparecendo cada vez mais cedo em nossa sociedade, de acordo com a psiquiatra Ana Beatriz Bardosa, estudiosa sobre o assunto e autora do livro “Bullying: mentes perigosas nas escolas”. Entre 6-7 anos já podemos ter notícias de alguns casos, o que podemos relacionar diretamente com a necessidade de se seguir padrões desde cedo. Valores como o “ser” se transformaram em prioridades como o “ter” e o “parecer”, de acordo com psicólogos e psicanalistas que vem nos últimos anos se debruçando nos estudos sobre as mudanças nas relações.

Há uma discussão muito atual e cabível sobre o valor das experiências que tem sido cada vez mais no sentido de ser visto e não em “ser” alguém, verdadeiramente. Tal necessidade de “parecer” vem gerando frustrações, fragilidades emocionais e colaborando para a incidência de casos de bullying em que a intolerância ao diferente, o desrespeito e a humilhação prevalecem.

Diante de uma situação de bullying é muito importante identificar o papel que a criança/adolescente exerce (vítima, agressor, expectador). Sobre o agressor, de acordo com Barbosa (2010) podemos classificá-lo em 4 tipos:

- aquele que não passou por **nenhum sistema educacional onde se tenha limites** - desta forma, uma intervenção neste sentido por resolver o problema).
- **não tiveram em casa exemplos de uma educação que associe auto realização com altruísmo social** (pai e mãe que educam e apontam noções de cidadania).
- passa pelo bullying **circunstancialmente**, nunca foram chegadas à violência mas passam por alguma **fragilidade emocional** (algum processo familiar, ex: separação dos pais, adoecimento de alguém da família...).
- **crianças que desde muito cedo mostram uma tendência à transgressão** (maus tratos à animais, babá, professor). Esses são as minorias mas são os casos mais graves que usam as outras crianças de forma mais perversa e dissimuladamente coordenam.

A noção de resiliência trazida pela Física é citada pela psiquiatra Ana Beatriz Barbosa em seus textos e entrevistas sobre o bullying uma vez que o conceito nos ajuda à compreender como muitos das vítimas de bullying deram a volta por cima. De acordo com a Física a resiliência é a propriedade que alguns materiais tem de retornarem à forma original após terem sido submetidos à uma deformação elástica, como se fosse uma capacidade de se recobrar, adaptar. Deste modo, as crianças que sofrem bullying e que tem apoio de suas escolas e famílias e de algum de seus talentos, tendem a ser resilientes, conseguindo se auto superar.

Em seu trabalho sobre o bullying, Barbosa (2010) traz trechos das histórias e falas de algumas pessoas que superaram o bullying em sua adolescência, se fortaleceram e foram capazes de caminhar em função de talentos e aptidões descobertas e trabalhadas, onde a auto estima só pôde ser recuperada à partir da valorização de seus talentos, o que as ajudou à sentirem-se mais fortes e seguras. São casos como o de Madonna, David Beckham, Steven Spielberg, Obama, Bill Clinton, entre muitas outras histórias inspiradoras.

O bullying praticado por meninos comumente é mais expansivo, sendo fisicamente expresso através de socos, brigas, chutes, enquanto que o praticado por meninas é mais velado, se mostra através de fofocas, exclusões, olhares preconceituosos e maldosos.

Em relação às formas de se combater o bullying, a primeira delas é que a família busque a escola ou vice versa, que haja um trabalho em parceria e que ambos os envolvidos (bully e vítima) possam ser encaminhados para atendimentos psicológicos. As consequências das ações do bully devem ser trabalhadas no sentido de construções sociais, um trabalho a ser feito em prol de sua escola e comunidade, com relação direta aos atos por ele praticados.

O bullying que se origina à partir de preconceitos deve ser trabalhado em cima da tomada de conhecimento sobre as diferenças, sejam elas físicas, culturais, intelectuais, raciais pois é comum os alunos reagirem negativamente diante de uma situação desconhecida. Quando os alunos podem debater sobre os temas, conhecê-los e respeitar as opiniões a tendência é que preconceitos sejam diminuídos e as relações melhorem.

Na Educação Infantil o bullying também pode acontecer, apesar de os casos serem mais raros, sempre que houver a intenção de ferir ou humilhar o colega repetidas vezes. No entanto, no caso dos pequenos, é comum que as brigas estejam relacionadas às disputas de um espaço, um brinquedo ou de atenção - **o que não caracteriza o bullying!** Vale lembrar que as crianças pequenas tem atos impulsivos e não intencionais, não sabem da responsabilidade e consequência de suas atitudes até por volta de 4, 5 anos.

Quando falamos do bullying na Educação Infantil é importante que a escola valorize os princípios de respeito, tolerância e desde cedo valorizando cada aluno, sua individualidade e habilidades e para isso, o educador precisa sinalizar que todos devem ser respeitados e sobre as diferenças existentes e inerentes aos seres humanos, com as quais todos precisarão conviver por toda a vida. Lembrando que as crianças pequenas tem uma capacidade de perdoarem umas às outras com muito mais facilidade que as maiores e muitas vezes estão libertas de julgamentos, que só vem aparecer em anos posteriores de seu desenvolvimento o que faz com que mais facilmente aqueles coleguinhas de classe que brigam por um brinquedo, disputam a atenção de um mesmo colega, ao final do dia estejam brincando juntos e até tenham se esquecido dos ocorridos.

BIBLIOGRAFIA:

SAYÃO, R. Educação sem blá-blá-blá: como preparar seus filhos e alunos para o convívio familiar, a escola e a vida. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

SILVA, A. B. B. Bullying: Mentas perigosas nas Escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TIBA, I. Disciplina: Limite na medida certa. São Paulo: Integre, 2006.